

FICHA TÉCNICA

Título: *Crónicas da Terra e do Mar — Filhos do Vento e do Mar*

Autora: *Sandra Carvalho*

Copyright © by Sandra Carvalho e Editorial Presença, Lisboa, 2017

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, março, 2017

Depósito legal n.º 422 133/17

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para os meus queridos leitores.

*Obrigada por me acompanharem nesta aventura
nos dias de sol e nos dias de tempestade.*

PRÓLOGO

Herdade da família Gonçalves Vaz,
lugar de Águas Santas, dezembro de 1433,
ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo

Diogo, *o Açor*, permaneceu encoberto pelas árvores frondosas do bosque que circundava a herdade de Águas Santas, enquanto uma das patrulhas noturnas do senhor da terra atravessava o trilho. Eram cinco os cavaleiros, três jovens e dois veteranos. Diogo sentira-lhes o cheiro à distância, antes que as chamas dos archotes que empunhavam rasgassem as trevas. Não sabia porque era assim... Por que razão enxergava mais longe, ouvia melhor e possuía maior robustez e destreza do que os demais... Não sabia, nem se interessava em saber!

Durante anos, julgara ser um homem igual aos outros. Só quando deixara a proteção de Nuno Garcia para partir à descoberta do seu destino, com o coração despedaçado e a mente a fervilhar de ódio, é que se apercebera de quão excepcionais eram as suas capacidades. Porém, não perdera tempo a congeminar se estas derivavam de uma bênção ou de uma maldição. Até então, o seu «dom» havia-se manifestado à revelia da consciência. Contudo, a partir desse dia, Diogo principiara a explorá-lo e a aperfeiçoá-lo, com o propósito de o utilizar sempre que dele pudesse retirar vantagem... Como agora.

Tinha quase a certeza de que, se se aventurasse a sair do esconderijo e estacasse no meio do caminho, com a mente concentrada

em manter-se impercetível ao olhar dos guardas, estes passariam por ele sem o lorigarem. Noutras circunstâncias, talvez tentasse a proeza só para se submeter à prova... Mas hoje não se dispunha a temeridades! O seu futuro estava a ser decidido naquele instante, no salão do palacete daquela maldita herdade. Só de pensar que «ela» se encontrava tão perto, o seu coração descompassava-se, as entranhas embrulhavam-se e até as pernas fraquejavam. «Ela!» A sua paixão, a sua loucura... O seu rouxinol.

«Amo-te, Constance! Diz que também me amas e eu não permitirei que nos separem!»

Cinco anos tinham decorrido desde que lhe sussurrara essa promessa ao ouvido... E ainda sentia a emoção que o fizera estremecer ao pronunciá-la, com a mesma intensidade insana que o teria compelido a lutar até à última gota de sangue para tê-la ao seu lado. No entanto, Constance não lhe respondera; limitara-se a repousar a cabeça no seu peito. Mais tarde, com os olhos alagados de lágrimas, empenhara-se em explicar-lhe que não podia romper o compromisso que firmara com Viriato Gonçalves Vaz, pois tal determinaria a desonra da sua família e um enorme constrangimento que desaviria os soberanos de Portugal e de Inglaterra.

«Que se danem os reis!», praguejara Diogo. «E se te oprime pensar que os parentes que deixaste para trás irão condenar-te por decidires ser feliz, ao invés de te sujeitares aos caprichos de um velho para saldares uma dívida, garanto-te que Garcia não terá pejo em anunciar ao mundo que os piratas te mataram.»

De facto, o seu mentor afiançara-lhe que de bom grado reportaria a el-rei Dom João que falhara a missão do resgate da jovem. Se algum dia a questão se colocasse, entender-se-ia com o infante Dom Henrique. Portugal e Inglaterra apenas teriam de lamentar a infelicidade causada pelos castelhanos, Gonçalves Vaz não sofreria uma ignomínia e Constance poderia assumir uma nova identidade, que lhe permitiria viver feliz com o seu amor em qualquer outro lugar... Sim, Garcia teria feito isso por eles de peito aberto, abdicando da recompensa que lhe estava prometida! Todavia, Constance teimara em cumprir a sua palavra. Inclusive, recusara-se a despedir de Diogo, alegando que

isso só aumentaria o sofrimento que ambos teriam de enfrentar, até que a realidade da vida adormecesse o amor impossível que os arrebatara.

Diogo não compreendera a sua pertinácia. Nem se conformara! No dia do casamento de Constance, invadira Águas Santas disposto a confrontá-la. Porém, ao vê-la descer as escadas do palacete com o seu vestido de noiva, os cabelos dourados enfeitados com flores brancas e fitas de prata, os olhos azuis a brilhar e os lábios rosados a sorrirem para Gonçalves Vaz, algo se quebrara dentro dele. Virara costas a Águas Santas, renunciara à vida que conhecia, silenciara a voz da consciência e enterrara o coração sob sete palmos de terra... Jamais voltaria a amar!

Fora assim que Diogo, o corsário ao serviço das causas do infante Dom Henrique, se transformara em Açor, o pirata ao serviço da sua causa e dos interesses dos homens que tinham escolhido segui-lo. Chegado a Silves, apresara um barinel de três mastros; na altura, o maior orgulho da marinha portuguesa... E para que uma eventual fraqueza não o fizesse esquecer o motivo da sua revolta, chamara-lhe *Rouxinol*. Depois, fizera-se ao mar e os navios castelhanos haviam-se tornado o seu alvo preferido. Afinal, fora por culpa desses danados que ele conhecera a mulher que o destroçara.

Durante meses vivera como se num delírio, desafiando a morte a cada fôlego, extasiado com o sangue dos inimigos que prostrava, com o hidromel e o malte que lhe escorriam pela garganta, com a luxúria das mulheres que se descabelavam pelo prazer de desfrutarem da sua atenção... Não obstante, nunca permitira que essa embriaguez lhe deturpasse os sentidos. Em todos os momentos, o seu corpo mantivera-se vigorado e o raciocínio tão afiado como as lâminas das suas armas. Dir-se-ia que, quanto mais inebriado ficava, mais se aclarava a sua percepção... E mais fácil se tornava o uso das suas habilidades extraordinárias, como se apenas necessitasse de desejá-lo para que os prodígios se concretizassem.

Em pouco tempo, os companheiros que sempre o tinham admirado começaram a idolatrá-lo. Até fantasiavam que, tal como alguns heróis das lendas antigas, Açor era filho de um deus da guerra que descera à Terra, se enamorara de uma bela jovem e a seduzira... Diogo ria-se com amargor desses comentários. Na

verdade, o seu pai mais não era do que um tremendo sacana, que se aproveitara da inocência da sua mãe e a abandonara quando descobrira que ela estava grávida. A única pessoa com quem se permitira desabafar sobre esse assunto fora Nuno Garcia... E a réplica do mentor fora sóbria e firme:

«Esquece o passado, meu rapaz, pois não existe vontade neste mundo que conserte o mal que está feito. Agora que nos encontrámos, eu sou o teu pai e tu és o meu filho! Nunca duvides de que te amo... E de que farei tudo o que estiver ao meu alcance para que nada te falte.»

Assim fora, até que a raiva de perder Constance cegara Diogo. Partira sem nada dizer a Garcia, ciente de que ele não aprovaria a sua resolução, e, por dois anos, recusara-se a pensar no que deixara para trás. Contudo, numa noite de alucinante diversão, reencontrara um velho companheiro que lhe contara que Garcia já viajara até África à sua procura... E o remorso fulminara-o. De que lhe servia colecionar baús carregados de ouro se, no fim do dia, não tinha uma casa para onde voltar? Nem o abraço carinhoso daquele que fora o seu salvador, o seu melhor amigo... O seu pai de coração!

Depois disso, as saudades de Garcia haviam sufocado o rancor que o fizera debandar e a vontade de regressar corroera-o. No entanto, tivera vergonha de encarar o mentor e confessar-lhe o que andara a fazer. Por isso, reunira os seus homens e comunicara-lhes que ia abraçar uma nova missão. Todos conheciam a história que o ligava às ilhas dos Açores... Pois Diogo estava convicto de que existia mais terra para além daquela que fora reclamada pela coroa portuguesa. E ele iria descobri-la e fazer dela a sua morada, sem ter de prestar contas a nenhum rei!

«Essa terra será só minha e daqueles que me apoiarem... Todavia, compreenderei se não quiserdes acompanhar-me, porque, se eu estiver enganado, poderemos deparar-nos com a carranca da morte.»

Ninguém saíra do seu lado. Eram «os homens do Açor» e seguiu-os até aos confins do Inferno!

A viagem não fora tão árdua quanto Diogo temera. Uma das ilhas¹ que ele avistara da barca de Diogo de Silves permitira-

¹ Santa Maria e São Miguel.

-lhes descansar e reabastecer os navios com água fresca e carne de lobo-marinho. E, poucos dias depois, para além dessas ilhas haviam-se deparado com mais cinco², separadas por curta distância. Os marinheiros tinham ficado deslumbrados com a sua beleza e sugerido que se fixassem numa delas... Porém, o capitão discordara. Conhecia o infante Dom Henrique e sabia que ele não se daria por satisfeito com as duas ilhas que assinalara nos seus mapas. Mal ordenasse o povoamento das ditas, outros navios seriam enviados em missão de reconhecimento. Cedo ou tarde, tomariam o mesmo rumo que eles e facilmente ali chegariam.

«*E se a partir daqui só houver mar?*», indagara um dos seus companheiros, apreensivo.

A questão fizera Diogo fechar os olhos e concentrar-se na chama que sempre ardera no seu âmago, mas que, só recentemente, ele aprendera a decifrar. Com a pergunta a pairar na mente, foi como se voasse sobre as ondas, até que duas formas se avultaram à sua percepção.

«*Para norte, existem mais duas ilhas...*», não hesitara em asseverar. «*E essas, sim, são tão remotas que servirão os nossos desígnios na perfeição!*»

Os homens confiavam plenamente no seu capitão. Contudo, quando o marinheiro de vigia no cesto da gávea anunciara: «*Terra à vista!*», o próprio Açor julgara-se a sonhar. Estariam perante um pedaço do Paraíso que se despenhara na Terra? Nem a sua imaginação seria capaz de conceber uma ilha³ tão bonita como a que estava à sua frente, com arribas altas, verde e florida, repleta de lagoas, ribeiros e magníficas cascatas. Na primeira vez que enterara as mãos naquele solo e o desfizera entre os dedos, concluía que as sementes que ali caíssem germinariam com vigor. Sem dúvida, desejava assentar raízes naquele lugar! E ficara felicíssimo ao verificar que os amigos partilhavam do seu entusiasmo.

Nos primeiros dias tinham explorado a ilha, certificando-se de que estavam livres da ameaça de povos nativos e de feras. Somente encontraram pássaros, tão curiosos que vinham comer

² Terceira, Pico, São Jorge, Graciosa e Faial.

³ Flores.

às suas mãos. Mesmo os lobos-marinhos, estendidos na enseada, observavam-nos com olhos ensonados e nem sequer se afastavam à sua passagem.

«*Deixemo-los em paz para que não ganhem medo*», determinara Açor. «*As rochas estão repletas de marisco e o peixe abunda... Se o inverno for tão rigoroso que nos impeça de sair para o mar, a sua carne há de sustentar-nos sem que tenhamos dificuldade em caçá-los.*»

A ilha era tão perfeita que até possuía uma gruta⁴ suficientemente ampla para esconder o barinel, podendo protegê-lo dos olhares perniciosos de outro navio que se aventurasse até àquelas paragens. Infelizmente, nessa câmara não existia uma abertura que lhes permitisse aceder ao exterior. Como o bote que transportavam apenas levava cinco marinheiros, a partir do momento em que ali amarrassem o *Rouxinol* precisariam de fazer várias viagens para pôr toda a tripulação em terra. Alguns homens tinham expressado a vontade de começar de imediato, para iniciarem a construção de abrigos... No entanto, Diogo quisera voltar a enfrentar o mar. Aquela ilha podia ser segura, mas nada sabiam acerca da sua vizinha⁵: um enorme rochedo com uma misteriosa nuvem a pairar sobre o seu topo. Deviam explorá-la também para não sofrerem surpresas desagradáveis.

Tinham partido ao amanhecer e alcançado a segunda ilha antes de o Sol atingir o pico. Esta era uma autêntica fortaleza de penhascos, à exceção de uma pequena fajã⁶. Os baixios repletos de rochas impuseram que esperassem pela preia-mar. Mal a maré encherá, Diogo lançara o bote à água e dirigira-se para terra com quatro homens. Enquanto dois remavam, os restantes empunharam varas para afastar as rochas que podiam rasgar o casco. Haviam desembarcado sem sobressaltos e, à ordem do capitão, o bote fora carregado para longe da rebentação.

⁴ Gruta dos Encharéus, situada no lugar da Caveira, na costa norte da ilha das Flores. Apenas acessível de barco, é uma grande cavidade vulcânica com cerca de 50 metros de comprimento e 25 metros de largura.

⁵ Corvo.

⁶ Terra baixa e plana que resulta do desprendimento de uma encosta ou arriba. A fajã do Corvo constitui a maior superfície aplanada da ilha e terá sido originada por lavas basálticas emitidas pelo cone de escórias do morro da Fonte.

«*Prestai atenção. Talvez não estejamos sós...*», murmurara Açor, apontando para alguns pedaços de madeira espalhados entre as pedras; possivelmente, destroços de uma embarcação arrebatada pelas correntes poderosas. As suas suspeitas tinham-se confirmado ao descobrirem uma sepultura, assinalada com uma cruz feita da mesma madeira. Definitivamente, alguém andava por ali.

O capitão fizera-lhes sinal para ficarem em silêncio. Aquela ilha era menor do que a outra que os encantara e parecia inóspita. O relevo acidentado estava coberto de erva rasteira, existiam poucos arbustos e ainda menos árvores. A exploração continuara, sempre a subir, escalando rocha após rocha... Seria possível que os náufragos tivessem sobrevivido naquele ambiente hostil? De súbito, Diogo fora acometido pela desagradável sensação de estar a ser observado... E um olhar dissimulado por cima do ombro comprovara que alguém os seguia. Como os companheiros não se tinham apercebido, alertara-os discretamente:

«*É um garoto... Mas onde há crianças tem de haver adultos! Apressai o passo para que eu possa despistá-lo e averiguar de onde veio.*»

Os outros tinham galgado as rochas com rapidez, obrigando o petiz a correr na sua peugada. Diogo escondera-se atrás de um pedregulho a espreitá-lo. O rapaz era alto, estava bastante magro e tinha os cabelos negros desgrenhados e as vestes esfarrapadas. Aparentava seis ou sete anos, mas as suas faces já exibiam cicatrizes infligidas pela fereza de um punhal. Os seus olhos incrivelmente verdes chispavam com emoções que Açor conhecia bem: pavor, desespero... exaustão! Por instantes, recordara-se do menino que fora quando, depois da morte da mãe, deambulava pelas vielas de Lisboa à mercê da caridade alheia, antes de a sorte o ter conduzido até Nuno Garcia. Porém, em Lisboa sempre se achava o que comer, nem que fosse um pedaço de pão bolorento! Estaria o rapaz sozinho? Pensara em deitar-lhe a mão e interrogá-lo, mas contivera-se. Havia algo mais no olhar dele... Uma resolução indomável! Se o agarrasse à força, não lhe arrancaria uma palavra! Por isso, deixara-o perseguir os companheiros e concentrara-se em resolver o enigma da sua aparição.

Facilmente apanhara o rasto que buscava. Um carreiro estreito e íngreme conduziu-o a um buraco num monte de pedra negra.

A entrada deste fora disfarçada com ramos, mas, como o rapaz saía à pressa no encaço dos intrusos, descuidara a proteção do refúgio. Diogo detivera-se à entrada e, após uma breve hesitação, anunciara:

«O meu nome é Açor e piloto o navio ancorado ao largo da ilha... Não desejo conflitos! Se naufragastes, posso ajudar-vos. Revelai-vos sem temor e vamos conversar.»

Como só escutara silêncio, empunhara a espada e afastara os ramos, desvendando uma caverna. Lá dentro, uma mulher estava deitada sobre um colchão de ervas secas. Tal como o rapaz, vestia andrajos e só tinha pele sobre os ossos. Julgou que ela dormia, mas, ao aproximar-se, constatou que fora prostrada por uma qualquer maleita. Ardia em febre e a sua respiração mais não era do que uma leve brisa... A sua vida sustinha-se por um fio!

Movido pela piedade, Diogo embainhara a espada, puxara pelo cantil e ajoelhou-se junto da desconhecida, para lhe molhar os lábios. A enfermidade não lhe usurpara a formosura! Era extremamente bela, com longos cabelos castanhos, um nariz petulante e lábios carnudos... Então, um rumor quase impercetível quebrara o embevecimento do capitão. Só a sua rapidez lhe permitira desviar-se da lâmina que se despenhava sobre as suas costas. O cantil tombara no chão quando ele enfrentara o atacante, que tornava a investir com um punhal em riste. Qual não fora o seu assombro ao confrontar-se com o garoto esgue-delhado... Sem querer magoá-lo, ripostara apenas com força suficiente para lhe arrancar a arma, exclamando:

«Quieto, miúdo! Venho por bem!»

O petiz desatara a vituperar numa língua indecifrável... Pela entoação, Diogo reconheceu o idioma falado pelos homens das terras do Norte, mas não percebera uma palavra. Prendera-o com firmeza entre os seus braços e tentara fazer-se entender:

«Posso ajudar-vos! Comida... Água...»

«Não carecemos de ajuda!», bradara o rapaz num português imperfeito e tremido de raiva. *«Esta ilha pertence ao meu pai... Ele é o terrível Corvo! E vai matar-vos se não partirdes já!»*

Corvo? Quantas histórias se contavam desse homem? Era uma lenda entre corsários e piratas... Um autêntico titã, admirado por

uns, abominado por outros, mas temido por todos! Falava-se que servia o duque da Holanda... E isso justificava o discurso incompreensível do garoto! Chegado a essa conclusão, Diogo fixara a mulher estendida aos seus pés e o seu coração comprimira-se ao interiorizar a cruel realidade que surpreendera.

«*Sei que perdeste o teu pai...*», enunciara com cuidado. «*Mas talvez eu ainda consiga acudir à tua mãe.*»

«*Não!*», bradara o pequeno, contorcendo-se para se libertar. «*Vais fazer-lhe mal...*»

«*Não, não vou!*», contestara Açor, obrigando-o a encará-lo antes de afirmar: «*Juro que farei o que estiver ao meu alcance para salvá-la. Agora, acalma-te...*»

«*Os teus olhos...*», arfara o rapaz, assombrado perante o brilho que se acendia na auréola dourada que rodeava o castanho-escuro do olhar do capitão. «*Quem és tu? Um feiticeiro?*»

Diogo nunca considerara o seu «dom» dessa forma, mas soltara o garoto sem negar. A fúria deste convertera-se em ansiedade. Ainda estremecia de medo, mas queria ter esperança... E Açor desejava dar-lhe essa esperança! Quantas atrocidades aqueles olhos verdes já teriam testemunhado? Tão jovem e tão sofrido... Sim, tinha de salvá-lo e à sua mãe!

«*Vem cá*», solicitara, tornando a ajoelhar-se junto à enferma. «*Como é que te chamas?*»

«*Corvo*», dissera o rapaz, com uma altivez que evidenciava um grande orgulho.

Diogo assentira com a cabeça. Que outra coisa seria de esperar? Ele não lhe diria o seu verdadeiro nome enquanto não o achasse digno de confiança.

«*Muito bem, Corvo!*», devolvera no mesmo tom. «*Tu tratar-me-ás por Açor...*»

Com suavidade, para não assustar o garoto, pousara uma mão sobre a testa da mulher, enchera o peito de ar e despertara a chama que pulsava no seu cerne. Ainda se apercebera do assombro de Corvo, quando a energia do seu «dom» se manifestara e lhe escorrera pelos dedos, impregnando o corpo inerte. Nunca tentara reanimar alguém... Todavia, energia era energia! Podia ser utilizada para qualquer fim! Concentrara-se

na vontade de avigorar a jovem... Imaginara-a a acordar e a estreitar o filho... E, de súbito, ela convulsara sob as suas mãos.

«*Moeder!*», clamara o petiz, numa explosão de alegria. E Diogo sorriera ao pensar que a palavra «mãe» era bela em todas as línguas. Depois recuara, enquanto a mulher tomava um fôlego profundo, abria os olhos e tentava falar... Se não se entendessem, teria de pedir ao rapaz que o traduzisse. Como a realização daquele prodígio o deixara um pouco zozzo, encostara-se à parede da caverna a observar mãe e filho, que se abraçavam por entre lágrimas de alívio e júbilo.

«*Água...*», suplicara a enferma, espantando Açor com a correção do seu português. E Corvo pegara no cantil, na esperança de que não se tivesse esvaziado ao cair. Só nesse instante a mulher reparara que não estavam sós, e retraíra-se. Contudo, o filho interviu:

«*Este homem salvou-te! Deu-te... força!*»

Diogo nem precisara de esclarecer o sucedido, pois ela adivinhara o que estava em causa.

«*Muito obrigada, senhor...*», sussurrara candidamente.

«*Não fales*», retrucara ele, fascinado com a cor amendoada dos seus olhos. «*Teremos tempo de conversar... Sobrou alguma água?*»

Sim, a suficiente para a bela desconhecida molhar os lábios e a garganta ressequida. Enquanto a mãe sorvia as preciosas gotas, Corvo mirara Açor como se desejasse baixar a guarda, mas o receio ainda o coíbia. Querendo tranquilizá-lo, Diogo elogiara-o:

«*Deves ser muito forte e corajoso para conseguires sobreviver neste lugar!*»

Ao invés de se envaidecer, o garoto objetara, desolado:

«*Se assim fosse, teria cuidado bem da minha mãe e ela não teria ficado doente.*»

«*Oh, querido!*», exclamara a jovem, debilmente. «*Tu não tens culpa...*»

«*Tenho!*», interrompera o rapaz, num protesto dorido. «*Devia ter arranjado mais comida...*»

«*Para além de comida, a tua mãe necessita de remédios e mantas quentes*», interferira Diogo, preocupado com o olhar mortiço que ela ostentava. E antes que desfalecesse outra vez, explicara-lhe:

«Com a tua permissão, irei levar-vos para o meu navio. Sei que o coração vos liga a esta ilha, mas não podeis ficar... Pelo menos, para já! Eu tenciono instalar-me na ilha vizinha...»

«A “ilha das Flores”?», indagara ela, num arquejo sumido. «Era para lá que o meu marido queria ir. Mas a tempestade arrastou-nos...»

«Contas-me depois», ripostara Diogo, afável. «Agora, tens de recuperar. Quando te curares, posso trazer-vos para aqui e deixar-vos mantimentos, se essa for a tua vontade.»

A jovem quedara-se a fitá-lo como se temesse estar a sonhar. Por fim, estendera-lhe a mão trémula e murmurara:

«Helena...»

Açor sustivera a respiração, fustigado por uma estranha comoção, antes de corresponder ao gesto. Dissera-lhe o seu nome, sob o olhar constrangido do pequeno Corvo. E ela continuara, apertando-lhe os dedos com o pouco ânimo que possuía:

«Tens bom coração, Diogo! Promete que cuidarás do meu filho se algo...»

«Vais ficar bem, Helena!», cortara ele com firmeza. «Corvo irá crescer forte e saudável, para honrar a herança do pai, e tu hás de acompanhá-lo... Essa é a promessa que te faço! Agora, vou chamar os meus companheiros...»

«Mãe...», sobressaltara-se o pequeno. No entanto, Helena tratara de sossegá-lo:

«Confia no Diogo, meu amor. Ele é um homem... especial!»

Um homem especial... Enquanto os guardas de Águas Santas desapareciam no trilho, Diogo questionou-se sobre a razão daquelas recordações lhe invadirem a mente, quando deveria estar a orar para que Nuno Garcia persuadisse Constance a abandonar o marido. Inclusive, pedira ao mentor que a esclarecesse de que ele não se importava de criar a filha de Gonçalves Vaz como se fosse sua... Afinal, estava a educar Corvo como se fosse seu! E a adorar a experiência, pois o garoto era um portento! Sorriu ao lembrar-se de como o pequeno refilão conquistara os seus homens num ápice, com a sua bravura e inteligência. Conseguia ser tão irreverente quanto carinhoso... Se o seu pai estivesse vivo, teria imenso orgulho nele!

«Mas eu jamais o teria conhecido... Nem teria conhecido Helena...», matutou sentindo uma estranha exaltação por o

destino lhe ter oferecido o ensejo de salvá-los. Sem dúvida que, após levar Helena e o pequeno Corvo para a ilha das Flores — afinal, o nome com que ela batizara a ilha acabara por se enraizar no espírito de todos —, a vida de Diogo sofrera uma reviravolta... Então, sem se dar conta, imergiu novamente na memória dos últimos três anos.

Assim que se aguentara em pé, Helena ganhara o respeito dos marinheiros do *Rouxinol* e começara a trabalhar, determinada a transformar aquela terra numa morada acolhedora. Nem sequer mostrara interesse em regressar à ilha onde o marido repousava — a agora chamada ilha do Corvo, por razões óbvias.

«*A vida continua...*», confidenciara certa vez a Diogo, apertando-lhe a mão com a firmeza gentil que sempre o desconcertava. «*Não posso ficar presa ao passado ou enlouquecerei!*»

De facto, os incidentes que tinham culminado com a chegada de Corvo e da sua família àquele lugar mais pareciam um pesadelo tenebroso! Helena contara-lhe a sua história assim que reunira alento para fazê-lo, rogando-lhe que não voltasse a mencionar o assunto... E ele respeitara a sua súplica. Quanto ao pequeno Corvo, aparentava ter apagado tudo da mente. Porém, Diogo sabia que assim não fora, pois encontrava-o muitas vezes de olhos postos na ilha vizinha. Numa dessas ocasiões abordara-o:

«*Se quiseres, levar-te-ei lá para que mates as saudades do teu pai...*»

Inesperadamente, Corvo abraçara-o. Pasmado, Diogo estreitara-o contra o peito... E tivera dificuldade em conter as lágrimas, quando o petiz declarara na sua voz inconfundível que perdia a pronúncia holandesa a cada dia:

«*Não tenho saudades porque o meu pai vive no meu coração... Mas obrigado, Diogo!*»

De seguida, revelara-lhe o nome... Diogo já o sabia, pois Helena segredara-lho. Contudo, ouvi-lo da boca dele fora a prova final de que seriam amigos para a vida. Depois disso, tinham voltado a tratar-se por Açor e Corvo... O que ainda elevava mais a importância daquele momento de partilha, tornando-o único e inesquecível! Diogo nem tentara contrariá-lo, ciente de que o petiz se sentia mais confortável assim. Afinal, esse era o modo dos piratas! E Corvo podia ter só seis anos e estar a

aprender a construir abrigos, a semear a terra, a caçar e a pescar, mas não deixava de ser quem era... Não podia! A herança do pai flamejava-lhe no sangue e, quando ele crescesse, haveria de sobrepor-se a tudo o resto.

No dia em que o *Rouxinol* tornara a fazer-se ao mar, Helena insistira em acompanhá-los e Açor fora incapaz de demovê-la. Entre os dois desenvolvera-se uma amizade tão sólida que ele acabara por falar-lhe de Constance... Helena fitara-o com os seus olhos amendoados e incentivara-o: «*Se a amas assim tanto, dá-lhe outra oportunidade!*»

Deixara-o com um sorriso... Mas, nessa noite, Diogo surpreendera-a a chorar. Indagara sobre a sua tristeza e Helena justificara-se com o passado. Todavia, a empatia que os unia desde o primeiro instante garantira-lhe que ela estava a mentir. Não obstante, na manhã seguinte tudo voltara ao normal. Por isso, não pensara mais no assunto... Até que, há umas semanas, no meio de uma brincadeira acalorada, quase se tinham beijado! Fora a jovem que se desviara... E lançara-lhe à cara:

«Não estás decidido a reconquistar o teu rouxinol? Então, nunca mais faças isso!»

Quando ele se desculpava, jurando que não tivera intenção de a ofender nem de a magoar, recebera uma réplica ainda mais azeda:

«E qual foi a tua intenção, se estás enamorado de outra e a preparar a vossa reunião? Queres certificar-te de que terás alguém aqui para te aquecer os pés, caso a fidalguinha se enjoie com os balanços do barinel? Pois fica sabendo que eu não tenciono ser amásia de ninguém! Não o fui de Corvo... Certamente não o serei do Açor!»

Depois disso, Helena distanciara-se. Apesar de manter-se ao seu lado, a cumplicidade dos olhares que trocavam e dos sorrisos que não necessitavam de palavras para confortar o coração extinguiu-se abruptamente. E o pior fora não vê-la na praia para se despedir dele, no dia em que partira rumo a Lisboa, ao encontro de Nuno Garcia... Mas Corvo marcara presença, com uma expressão nada amistosa. Afrontara-o com a fúria a coriscar no olhar verde e interpelara-o:

«A minha mãe contou-me que vais buscar uma mulher... Porquê?»

Diogo engolira em seco e tentara ser sincero com ele, como sempre fora:

«Porque gosto dessa mulher.»

«Não!», refutara Corvo, com a desenvoltura dos seus nove anos. *«Tu gostas é da minha mãe... E ela gosta de ti! Se a tal fidalga se importasse contigo, jamais te teria abandonado!»*

«Ainda és uma criança. Não entendes...»

«Entendo, sim!», tornara o rapaz a cortar, empinando o nariz em desafio. *«Aposto que a fidalga irá dar-te com os pés outra vez... E quando aqui chegares com o rabo entre as pernas, a minha mãe estará tão zangada que nem vai querer falar contigo!»*

De volta à realidade, Diogo sorriu ao lembrar-se de como ele arrematara, com a mais férrea das convicções: *«Vais fazer asneira, Açor!»* Adorável insolente! Francamente, esperava que as duas mulheres não se incompatibilizassem, pois, se Helena decidisse partir após a chegada de Constance, ser-lhe-ia muito doloroso separar-se daquele pirralho que tanto o encantava.

Porque é que Nuno Garcia se estava a demorar tanto? Diogo pedira-lhe que não dissesse a Constance que ele se quedava à sua espera... Não queria que ela se sentisse pressionada! Além disso, almejava deliciar-se com a admiração do olhar azul, quando o encarasse e constatasse que ele já não era um rapazola às ordens de Garcia, mas um homem feito, capaz de protegê-la e de lhe oferecer a vida que ela merecia. Com o ouro que arrecadara nos últimos anos, realizaria todos os seus sonhos! Constance não seria a senhora de Águas Santas... Seria a senhora da ilha das Flores! Até poderiam viajar e conhecer o mundo, agora que Açor recebera o indulto real para o seu «delito».

Emocionou-se ao pensar que, mais uma vez, Garcia provara que o estimava como a um filho. Sem que ele nada tivesse requerido, apresentara-se diante d'el-rei para negociar a sua absolvição pelo apresamento do barinel da marinha real. Como condição para perdoar o «crime gravíssimo» que Diogo cometera, Dom Duarte exigira a devolução à coroa da propriedade que o seu irmão, o infante Dom Henrique, oferecera a Garcia como recompensa pelo resgate de Constance. E Garcia nem hesitara em aceitar a proposta. Mal saíra da reunião, declarara:

«Eu queria aquela propriedade para te a legar... Mas tu já não precisas dela, agora que te tornaste senhor de uma ilha! É mais importante teres autorização para navegar livremente, sem temeres a abordagem da marinha real.»

Era exatamente isso que Diogo tencionava fazer... Açor e Furão iriam divertir-se como nunca a caçar navios castelhanos e a colecionar tesouros! Depois, teriam um esconderijo seguro para onde regressar... Porém, a coroa não podia suspeitar da existência da ilha das Flores! Nem que, para isso, eles tivessem de pregar um susto a qualquer embarcação mais afoita que ousasse persegui-los.

Diogo mudou de posição, pois já sentia as pernas dormentes. A delonga de Garcia começava a ser incompreensível! Será que a guarda de Gonçalves Vaz o prendera? Não... Sombra estava lá e não permitiria tal coisa. Só podia haver uma explicação...

«Se a fidalga gostasse de ti, não te teria abandonado!»

A crítica aguçada de Corvo revolveu-lhe as entranhas. Existiria verdade mais pura do que aquela que fluía dos lábios de uma criança, sem medo de o irritar nem pudor de o melindrar? Pela primeira vez, admitiu que a mulher pela qual ele suspirara durante cinco longos anos podia voltar a repudiá-lo. Tornou a espreitar o palacete, com o fel a azedar-lhe a boca... Será que se enganara quando centrara o seu ódio nos decisores da coroa, na família de Constance e em Gonçalves Vaz? Ela alegara o dever de defender as boas relações entre Portugal e Inglaterra, a honra do seu nome, a virtude da sua palavra... Contudo, de repente, isso soava a Diogo como as fracas desculpas de uma jovem mimada, receosa de renunciar a uma existência repleta de luxos e privilégios, para viver ao lado de um homem que, à época, somente tinha para lhe oferecer um coração cheio de amor. Constance fora incapaz de resistir à atração que os subjugara... Mas não o teria seguido, contra tudo e contra todos, se realmente o amasse?

«A fidalga vai dar-te outro coice!», ribombou-lhe a voz de Corvo dentro da cabeça... E o trilho continuava vazio! Tentou recordar-se do rosto de Constance... Em vão! Como é que isso era possível, se os seus cabelos dourados, os olhos cor de céu de verão e a sua expressão de anjo o tinham acompanhado, qual

imagem gravada a ferro e fogo na sua memória, em cada dia daquela dolorosa separação? Surpreendentemente, só lhe vinha à ideia o rosto de Helena, os seus cabelos cor de terra fértil, os olhos amendoados e ternos, o sorriso franco e adorável... E o corpo voluptuoso que, naquela tarde, quando a tomara nos braços, Diogo desejara possuir com voracidade! Na altura, achara que reagira assim por andar tão distraído com os assuntos da ilha que quase se esquecera de como era bom sentir o calor de uma mulher. No entanto, nesse momento, relembrar o seu perfume, o modo como ela estremeceu e a doçura do seu hálito era o suficiente para pô-lo a arquejar.

«Tu gostas é da minha mãe... E ela gosta de ti!»

— Helena... — murmurou. E sentiu o sangue a queimar e uma vontade louca de abraçá-la.

Ao seu lado, Helena construía abrigos, pescara e caçara, lançara sementes à terra, pegara em remos... Até empunhara armas, sempre que a bandeira negra fora hasteada com ela a bordo do *Rouxinol*, numa prova de que fazia parte da tripulação do Açor! Tinham explorado a ilha das Flores, mergulhado no mar, nadado nas lagoas, trocado confidências junto às cascatas, rido e chorado de mãos dadas... Só não tinham feito amor! Porque eram amigos! Mas ele desejava-a... E ela desejava-o... Eram verdadeiros companheiros; almas gémeas! Tentou imaginar Constance a apanhar lenha e a lavrar a terra... E mal conteve uma gargalhada amarga. Durante o tempo que haviam partilhado, na viagem do seu resgate, tinham feito amor... Porém, na realidade, ele pouco ou nada sabia acerca dos gostos e dos sonhos dela, para além daquilo que idealizara e tomara como certo. Ter-se-ia iludido grosseiramente? Apaixonado por alguém que não existia?

Finalmente, a porta do palacete abriu-se... E Diogo susteve o fôlego, esperando divisar um vulto gracioso a esgueirar-se para o jardim, atrás de Nuno Garcia. Mal apertasse Constance contra o seu peito, as incertezas que o angustiavam dissipar-se-iam. Helena era uma jovem maravilhosa... Mas Constance era a mulher da sua vida! Afilou o olhar... Todavia, apenas viu Garcia a correr ao seu encontro a coberto das sombras.